Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na cerimônia de posse da diretoria do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal do Clube de Engenharia

Rio de Janeiro-RJ, 11 de dezembro de 2009

Meus amigos,

Anteontem falei com o presidente Lula que estava vindo aqui para a posse do Francis e ele me pediu que lhe trouxesse o abraço dele, e que também se estende a todos os membros da Diretoria que ora se empossam, dizendo que ele próprio gostaria muito de participar, um dia, de uma reunião do Clube de Engenharia. Ele sabe bem da tradição e do valor desta instituição que está no Rio, na Avenida Rio Branco, como sempre, mas é do Brasil. O Clube de Engenharia é uma instituição nacional.

De maneira que minha primeira palavra é desincumbir-me dessa missão de lhes trazer o abraço do Presidente da República, que está hoje fora do País, como acontece raramente, aliás. Sobre isso, eu tenho uma passagem interessante. Quando nós estávamos em campanha, na primeira eleição, que foi em 2002, eu falei em Natal, por exemplo, porque eu gosto muito de Natal. Então, falei... Lá tem uma barraca do Inácio, na praia, em que a gente comia caranguejo. É uma delícia, ficar batendo na perninha de caranguejo ali na praia todos os domingos, porque nós tínhamos fábrica lá, como temos. E eu falava: Olha – na campanha – o Lula vai ganhar a eleição, vai viajar muito, mas não para o exterior. Vai viajar pelo interior do Brasil. Então, eu não vou assumir nunca a Presidência. De modo que, como eu gosto muito de Natal, minha mulher também, meus filhos, meus netos, eu acho que nós vamos nos mudar para aqui. Há pouco tempo teve uma senhora, em uma caravana, me visitando,

e disse assim: “Tem uma promessa de campanha que o senhor não cumpriu. O senhor falou que ia se mudar para Natal e não se mudou. Lá o preço das coisas subiram, apartamento... O senhor não foi”. Eu disse assim: Mas a senhora deve se lembrar que a expectativa era de que o Presidente não viajasse para o exterior. (incompreensível) “Não, isso foi verdade”.

Eu quero agradecer demais as palavras do Francis nesta medalha, nesta placa, nesta homenagem: Benjamin Constant comemorando os 120 anos da Proclamação da República. Isso é uma grande honra para mim. Quero agradecer também as palavras do senador Crivella. Ele falou alguma coisa sobre a fé em Deus, que tem me levado a bons resultados. De fato, tem uma verdadeira corrente, que no Brasil inteiro está realizando um trabalho admirável. Eu tenho dito... eu tenho repetido a frase histórica do Almirante Barroso na Batalha do Riachuelo. Ele disse, em um determinado momento: “Sustentar o fogo que a vitória é nossa“. Esse fogo é a oração, tem que sustentar essa oração, que está dando certo. As coisas estão indo bem, graças a Deus, estão indo muito bem. Os próprios médicos, especialistas, estão admirados e surpresos com os resultados porque o tumor não é brincadeira. É recorrente e é muito agressivo, mas nós não temos medo dele. E a fé em Deus, eu tenho posto muito claramente: se Deus quiser me levar, ele não precisa de câncer para isso. E se ele não quiser que eu vá, por enquanto, não há câncer que me leve. Diante do aplauso, eu devia até parar por aqui, porque está tão bom.

Meu caríssimo e eminente amigo, governador Sérgio Cabral Filho. Ele me fez lembrar, no seu discurso, um líder político da minha terra, que começava... houve um momento em que ele começou um discurso com o papel na mão. Então, ele disse assim: “Jamais falei-vos de papel na mão, mas são tantas as obras e tantos os projetos, que eu não pude deixar de arrolá-los aqui para trazer para vocês”. Então, eu pensei e lembrei desse líder político, que o nome dele era José Augusto Ferreira Filho. Foi deputado durante muitos

anos, foi vice-governador. Não, foi alguma coisa... Não, foi suplente do Milton Campos no Senado, assumiu o Senado com a morte do Milton Campos, é conhecido.

Mas eu me lembrei dele porque o governador estava arrolando sua obra e as grandes realizações do seu governo aqui no estado do Rio de Janeiro. Eu fiquei encantado de ouvir e imaginei... já falei com ele: bota isso no papel porque você deve ter esquecido alguma coisa, não é possível. É muita coisa.

Então, meus parabéns, Governador, pelo trabalho admirável que Vossa Excelência está realizando à frente do governo do estado do Rio de Janeiro. E nós temos a ver com o estado do Rio de Janeiro e com o Rio de Janeiro, especialmente, porque nós somos nascidos no leste, na Zona da Mata, e desde muito jovem a gente trabalhava muito, ganhava uns trocados, mas vinha gastar aqui no Rio. Então nós conhecemos o Rio, bastante. Ainda hoje... Não é sorvete. Era... É o seguinte... Não, isso aí é o seguinte: Hidrolitol. Quem falou Hidrolitol? É Hidrolitol. Bom, é o seguinte: a gente saía, às vezes de teatro na Cinelândia... Eu ficava hospedado lá na Praça Tiradentes, na Rua Pedro I. Tinha um hotel ali chamado Vera Cruz. Era um hotel que ia... longo, ia quase... A gente falava: Vou ficar num quarto lá perto da Praça da... do Largo da Carioca porque ele ia até lá embaixo. E lá no fundo é que eram os banheiros, banheiros coletivos, né? Era um hotel antigo, português, chamado Vera Cruz. E eu ficava hospedado ali, e vinha a teatro na Cinelândia, à cinema na Cinelândia, e voltava por dentro ali, ali na Avenida Mem de Sá, que saía ali, Rua do Lavradio, Rua dos Inválidos, Rua do Senado, saía na Pedro I. Então aquilo eu conheço como a palma da minha mão. E (incompreensível), nunca me aconteceu nada ali. Eu voltava de madrugada – um menino praticamente – tinha aqueles becos nas ruelas ali, antigas, ermo àquela altura da noite. Nunca nem me passou pela cabeça que pudesse ser assaltado, ou coisa que o valha. Então, são bons tempos no Rio de Janeiro, de que nós não nos esquecemos, e o Rio tem que recuperar aquele tempo.

Eu acho que cada brasileiro, cada brasileiro, de onde quer que esteja, tem que estar presente a ações que acabem com essa preocupação do Rio de Janeiro. É claro que toda cidade grande tem problema. Aqui, por exemplo, nós não temos nenhuma preocupação de estar aqui. Nós estamos aqui sempre, no Rio, não temos nenhuma preocupação. Mas a gente sabe que acontecem determinadas coisas. Mas o problema não é do Rio. O problema, às vezes, começa em uma fronteira mal cuidada ou por onde passa a droga, por onde passam armamentos, por onde passa o contrabando. Isso é uma ação que pode ser desenvolvida com a ajuda do Estado na esfera nacional e precisa ser.

Você sabe, Governador, o apreço, a estima, a admiração, o respeito que o presidente Lula tem por você e pelo seu governo. Vamos aproveitar isso, ainda temos um ano. Eu não sei se tem bem um ano, não, porque falam que eu tenho que ser candidato lá em Minas a senador ou a deputado, ou coisa que o valha. Eu não posso ser candidato a prefeito nem a vereador, porque no ano que vem não tem eleição, mas o resto eu posso ser. Se ficar curado, porque se Deus não me curar eu não posso ser candidato a coisa nenhuma porque eu jamais levarei meu nome a uma candidatura se não estiver em condições de exercer o mandato, porque não seria honesto. Agora, se eu estiver curado, é até uma ordem. Aí eu vou ter que fazer alguma coisa.

Mas é aquela história: nós todos temos que ajudar o governador Sérgio Cabral nesse esforço que ele está fazendo. Problema de droga, isso tem que ser um trabalho feito em cada residência, em cada escola, em cada momento para orientar as pessoas, as crianças, as crianças. Criar alguma coisa que motive. Eu me lembro, no meu tempo de jovem, a gente assistia aos filmes... Os filmes, por exemplo, a “Marcha para o Oeste”, dos Estados Unidos, o faroeste, a gente gostava e a gente tinha certeza de que os bandidos não levavam vantagem naqueles filmes, a gente tinha certeza. Então, sei lá, a gente tem aqui, no Brasil, uma força muito grande hoje, da televisão, através das novelas. Eu não sei se nós não poderíamos estimular o pessoal que faz as

novelas a levar para os lares brasileiros alguma orientação, do ponto de vista psicológico, para que as pessoas acreditem naquilo que é o lado bom das coisas, porque o lado bom é que é o lado vitorioso.

Excelentíssimo amigo, companheiro, Luiz Fernando Pezão, ilustre vice-governador do estado do Rio,

Excelentíssimo senhor Marcelo Crivella, Esse, eu sou até suspeito para falar dele porque nós somos do mesmo partido, que é o Partido Republicano Brasileiro. *It's the best party in the world.* Marcelo Crivella, muito obrigado pelas suas palavras generosas.

Quero cumprimentar meu grande amigo Francis Bogossian, cumprimentar pelo seu belo discurso, pela sua carreira como engenheiro e pela forma com que você chega à presidência desta instituição, tão respeitada no Brasil inteiro. A gente sente essa força do Clube de Engenharia. E hoje, mais do que nunca, nós estaremos mais presentes porque conhecemos bem o Francis Bogossian, acreditamos no trabalho dele e vamos acompanhar o seu trabalho, com a sua ilustre Diretoria, de perto. Quero me colocar, desde já, o meu gabinete em Brasília à sua disposição, à disposição do Clube de Engenharia para as boas causas, as nobres causas que este clube sempre defendeu. E tem que avisar: Vice não manda nada, exceto o Pezão. Vice não manda nada. Mas quando a causa, quando a causa é boa, o Vice-Presidente pede e quando a causa é nobre, o Vice-Presidente pede com empenho. Então, vamos pedir com empenho.

Quero cumprimentar os excelentíssimos senhores vice-presidentes, diretores, membros titulares e suplentes do Conselho Diretor e do Conselho Fiscal do Clube de Engenharia, que hoje tomam posse.

Está presente o prefeito Eduardo Paes, que eu quero cumprimentar.

Quero cumprimentar as demais autoridades federais, estaduais, municipais,

Representantes da imprensa, aqui presentes,

Enfim... Tem aqui também alguns secretários de Estado. Eu cumprimento a todos na pessoa de Sérgio Dias, secretário municipal de Urbanismo,

Senhoras e Senhores,

É com grande satisfação que participo desta solenidade, em que toma posse a Diretoria do tradicional e prestigioso Clube de Engenharia, a mais antiga entidade representativa de engenheiros da América Latina. À frente dos destinos do Clube estará o eminente engenheiro Francis Bogossian, liderando experiente equipe que coloca a engenharia do Rio de Janeiro em posição de destaque no País. Ao ilustre amigo Bogossian e a seus companheiros, meus votos de pleno sucesso na jornada que ora se inicia.

O Clube de Engenharia tem uma centenária história de contribuição ao progresso e ao desenvolvimento do nosso país. Desde sua fundação, nos anos 80, do século XIX, tem marcado admirável e sólida presença em todos os fatos e episódios ligados às grandes causas nacionais.

Foi assim desde o início. Na Abolição da Escravatura, na I Guerra Mundial, na memorável campanha do Petróleo é Nosso, nas Diretas Já, o Clube de Engenharia esteve, como continua estando presente, nos acontecimentos que dizem respeito ao elevado interesse nacional. Por aqui passaram grandes vultos da engenharia nacional, que tanto dignificaram a profissão, atuando com dedicação na entidade e levando a contribuição de sua experiência à administração pública brasileira, como foi o caso de Maurício Joppert e Hélio de Almeida, que exerceram Ministérios.

Hoje, Francis Bogossian, dá sequência a essa nobre missão, cumprida com elevado espírito público por grandes nomes que por aqui passaram. Vou citar alguns: Conrado Niemeyer, Paulo de Frontin, Antônio Rebouças, André Rebouças, Edison Passos. Esse Edison Passos é meu conterrâneo de Itamuri. Aliás, lá não era Itamuri. O nome é Glória, Glória do Muriaé, e provavelmente

por isso, Glória do Muriaé... Muriaé era a sede do município, lá era distrito, como é até hoje distrito. Mas alguém deve ter dado a ideia de se mudar o nome de Glória para Itamuri, então virou Itamuri. Eu não teria deixado acontecer isso, mas eu não era nascido. De fato, eu não era nascido quando isso aconteceu. Por que Glória? Glória é o rio, rio Glória. Por que do Muriaé? Porque deságua no rio em Muriaé. Então, Glória do Muriaé não representava nenhuma subordinação ao município de Muriaé. Era o rio Glória, e Glória é um nome muito bonito. Então, eu sou nascido no Glória. E o Edison Passos também era nascido no Glória. Aliás, a família Passos é das mais ilustres famílias da região do Glória. Se lá um dia puder se chamar Passos, pode se chamar Passos, ainda que já haja. Mas também poderia Passos do Muriaé ou Passos do Glória, ou coisa que o valha, porque, realmente, nós temos feito uma força muito grande, mas Itamuri precisa virar cidade. Ainda não se emancipou, continua pertencendo a Muriaé. E o rio continua sendo o Glória e continua desaguando no Muriaé.

Edison Passos, Plínio Cantanhede, Saturnino de Brito, são muitos. Muitos e muito ilustres os que passaram por aqui.

Por seu devotamento, sua dedicação, presidente Francis Bogossian, a categoria profissional dos engenheiros e todos os que conhecem sua atuação de mais de 40 anos como empresário, professor e líder classista estão seguros de que a sua gestão terá a marca daqueles que fizeram a grandeza do Clube de Engenharia, verdadeira instituição nacional de que todo o Brasil se orgulha.

Mas, aqui terminou. Tem meus parabéns, e terminou. Mas... Eu não vou esticar, mas eu tenho um pouco para falar com vocês. É o seguinte: eu estava conversando aí fora com o meu amigo Niskier. O Niskier é imortal da Academia Brasileira de Letras, e nós estávamos conversando, e eu contando para ele coisas do Rio de Janeiro. E acabei não terminando de contar porque surgiram outras pessoas, interromperam e eu não contei. Então eu vou contar para vocês.

Eu era rapazinho. Aos 18 anos, eu me estabeleci. Eu era menor, porque a maioridade é aos 21. Então o meu pai me emancipou através de uma escritura pública de emancipação e eu trazia no bolso uma cópia, um traslado daquela escritura pública de emancipação. Eu comecei a carregar aquilo no bolso, até por causa das moças, porque as moças queriam me namorar, mas perguntavam, 18 anos não era partido. Com 18 anos... Então eu mostrava que era emancipado, aí ganhava algum prestígio, mas mesmo assim...

Bom, eu me hospedava aqui no Rio em um hotel chamado Vera Cruz – já falei para vocês – na Rua Pedro I. Ao fundo, havia o Teatro Recreio e havia o Walter Pinto, que era quem passava os teatros de revista, Walter Pinto. Então eu estou chegando de táxi da... saltei na rodoviária, que eu vinha de ônibus. Eu comprava muito aqui no Rio, porque aqui eram as fábricas: a Nova América, a América Fabril, a Corcovado, a Deodoro, a Dona Isabel, São Pedro de Alcântara e muitas outras. Então, eu era cliente, vinha muito ao Rio. Eu vi na fachada do teatro: proibido para menores de 21 anos. Aquilo já me despertou interesse, mas... Fiz o check-in no hotel, e coisa, assinei e imediatamente fui lá, entrei na fila e comprei um ingresso para o dia seguinte. E fui trabalhar. À noite, cheguei no hotel, tomei banho, mudei a roupa, e fui... entrei na fila para ingressar no teatro. Quando chegou, o porteiro falou assim: “Não, senhor. É proibido para menores”. Imediatamente tirei o meu traslado de emancipação: Eu tenho uma escritura pública de emancipação, e mostrei. O porteiro ficou embaraçado com aquilo e eu botei o pé, porque aqui não passa. Só tinha um lugar aqui: a fila e aqui atrás. Eu, carioca, sabe como é? Começava “oi, que passa aí? Vamos lá”, e coisa. E eu ali, eu não saio. Eu sou maior. De direito, eu sou maior. E nisso chegou um cidadão que estava na fila, saiu da fila e chegou: “Que passa?” Era um advogado. Eu disse assim: Aqui, o senhor vê, eu sou emancipado, o porteiro... “Me deixa ver o documento”. Leu e disse assim: “É por isso que este país não vai para a frente. Um teatro como este tinha que ter uma assessoria aqui na portaria, assessoria jurídica, para

casos desta natureza".

Pois bem, eu acabei entrando, acabei entrando e fiquei curioso: vamos ver por que esta peça é imprópria. Mas eu não via nada que pudesse justificar aquela impropriedade da peça, e foi. Em um determinado momento, abriu o cenário e era uma livraria. Então, tinha uma moça muito bonita do lado de dentro do balcão, com uma minissaia, ela era linda. Eu falei: Será essa minissaia que é imprópria? Eu pensei... Eu estou falando coisa... Eu tenho 78, portanto, estou falando coisa para vocês de 60 anos [atrás], 60 anos ou por aí, 50 e muitos. Pois bem, nada. Então abriu a cena. Então chegou um cidadão procurando um livro. Havia aquelas estantes baixinhas que ficam do lado de dentro do balcão com livros, e do lado de dentro do balcão havia prateleiras com livros. Essa moça saiu e veio – ele está procurando alguma coisa: "Posso ajudá-lo?". Ele disse assim: "É". "Que livro o senhor está procurando?" Ele disse assim: "A vida começa aos 40". Ela: "Ah, sim". Saiu para buscar o livro, mas virou-se e disse assim: "Brochura?" Era a razão da impropriedade da cena.

Mas, meus amigos... Era isso aí. Eu vou parar. Nós temos um intelectual em Minas que nos ensina que os discursos devem ser como os vestidos das mulheres: nem tão curtos que escandalizem, nem tão longos que entristeçam.

($22A)